

Como citar esse artigo: CARLI, Cristiano da S. de.; SANTOS, Leticia dos. Discutindo o ensino de geografia através da geografia crítica: considerações a partir do estágio supervisionado de licenciatura em geografia II, turma 2º A, 2012 – colégio de aplicação, UFSC. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2012. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Cristiano-e-Leticia.pdf>

DISCUTINDO O ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DA GEOGRAFIA CRÍTICA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA II. TURMA 2ºA/2012 – COLÉGIO DE APLICAÇÃO, UFSC.

CARLI, Cristiano da Silva de¹; SANTOS, Leticia dos².
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Esse artigo visa expor os Estágios Supervisionados de Licenciatura em Geografia I e II, com ênfase na prática de ensino realizada no segundo semestre de 2012 com a turma 2ºA/2012 do Colégio de Aplicação CED UFSC, buscando uma reflexão acerca da formação e da prática do professor de Geografia atualmente, tendo como base uma pesquisa histórica acerca do desenvolvimento da Ciência Geográfica associada ao ensino de Geografia. No processo da prática de ensino, o plano de ensino contendo objetivos, conteúdo programático, metodologia e processo avaliativo, foi elaborado tendo como base as proposições teórico-metodológicas que da geografia crítica, tanto no que se refere ao conteúdo da ciência geográfica, como na prática pedagógica. A experiência da prática de ensino, juntamente com a pesquisa realizada para a construção desse artigo nos permitiu avançar na compreensão do trabalho do profissional de ensino de Geografia.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia Escolar; Geografia Crítica; Estágio Supervisionado e Prática de Ensino.

INTRODUÇÃO

Esse artigo visa expor de forma reflexiva os Estágios Supervisionados de Licenciatura em Geografia I e II, com ênfase na prática de ensino realizada no segundo semestre de 2012 com a turma 2ºA do Colégio de Aplicação UFSC, supervisionado pelo

¹ Graduando de bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. E-mail: cristianocarli@msn.com

² Graduanda de bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. E-mail: legeografia@gmail.com

³ Professor e pesquisador no Ensino de Geografia no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) do Centro de Ciências da Educação (CED) na UFSC (orlando.ferretti@ufsc.br)

professor Romeu de Albuquerque Bezerra (CA CED UFSC) e orientado pelo professor Orlando Ednei Ferretti (MEN CED UFSC) e também uma análise sobre a formação do professor de Geografia, passando pela discussão desde a Geografia Tradicional até a Geografia Crítica relacionando com a Geografia Escola.

Metodologia

Para a construção desse artigo, foi feita uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de encontrar livros e artigos os quais discutissem os temas “Estágio Supervisionado”, “Ensino de Geografia” e “Formação de Professores”. Essa pesquisa foi realizada em sites de busca, buscando publicações online, na biblioteca da UFSC e no NEPEGEo (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia da UFSC).

Para a caracterização do Colégio de Aplicação, a fonte de pesquisa foi a página do Colégio - www.ca.ufsc.br.

O texto foi construído pelos autores, a partir das leituras dos textos e lidos encontrados na referência bibliográfica ao final deste artigo, relacionando as proposições dos diversos autores escolhidos com a experiência vivida ao longo do curso de graduação e da prática de ensino.

O Colégio de Aplicação e a Turma 2ºA (ensino médio) 2012

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA) está situado no Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, no bairro Trindade em Florianópolis – SC, pertence ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente possui ensino fundamental e médio. Foi fundado em 1961. O ingresso de alunos no Colégio passa a ocorrer via sorteio aberto à comunidade. (Em: <<http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca>> Acesso em: 22 abril de 2012)

A turma 2ºA/2012 do Colégio de Aplicação continha 23 alunos, sendo que destes, nove do sexo masculino e 14 do sexo feminino. A maioria não mora na comunidade do entorno da escola, os alunos estão distribuídos por diversos bairros de Florianópolis.

A Geografia Escolar e Formação do Professor em uma análise histórica

O ensino de geografia desenvolve-se inicialmente na Alemanha no contexto de sua revolução burguesa e posteriormente na França que após sua derrota na Guerra Franco-Prussiana (entre 1870-71) sua burguesia percebe a necessidade de pensar o

espaço geográfico, deslegitimar a reflexão geográfica alemã e fundamentar o expansionismo francês (Pontuschka, Paganelli, Cacete, 2009). Dentro desse contexto a Geografia assume um duplo papel. O primeiro segundo Lacoste (1988), contribuir com o desenvolvimento do Estado-Nação através de produção de ideias científicas e informações novas nos meios universitários que seriam assimiladas pelos militares, empresas e pelo Estado, em resumo interesses burgueses, com finalidade estratégica em suas ações políticas nacionalistas, o que o autor caracteriza como “a geografia dos Estados-maiores”. O segundo papel é de contribuir a partir do sistema público de ensino, com a difusão de um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço, dissimulando para a grande maioria da população a eficácia dos instrumentos de poder, que são as análises espaciais, e contribuir de forma camuflada com levantamentos de dados para a “geografia dos Estados-maiores”. A essa geografia, Lacoste (1988) caracteriza como “geografia dos professores”.

A Geografia escolar assume nesse contexto papel significativo, segundo Vessentini (2012, p. 32), na difusão de uma ideologia patriótica e nacionalista. Inculcar a ideia de que a forma Estado-Nação é natural e eterna; apagar da memória coletiva as formas anteriores de organização espacial das sociedades (...); enaltecer o ‘nosso’ Estado-nação destacando sua potencialidade, sua originalidade, o futuro glorioso que o espera.” Esse ensino tem como fundamento mostrar que a nação não é resultado de uma construção histórica, sendo sim um conjunto espacial engendrado pela natureza.

Essa afirmação leva a uma reflexão que prioriza os aspectos naturais, a descrição física, na geografia escolar (Brabant, 2012 e Pereira, 2009). O objetivo nesse artigo não é desenvolver detalhadamente essa reflexão, no entanto é necessário evidenciar o que tal compreensão condicionou ao ensino de geografia. Naquilo que Brabant (2012, p.19) chamou de enciclopedismo, a “geografia escolar se centra mais sobre a precisão do detalhe(...) que sobre a totalidade dos fenômenos geográficos (...) contribuindo para a (...) abstração crescente do discurso geográfico (...) tornando a disciplina maçante, entediante e contribuindo para a (...)despolitização do discurso geográfico”. Pereira (2009, p.33) permite na reflexão abaixo evidenciar o nexos existente entre a ciência geográfica e seu caráter “apolítico” na escola.

Apresentada como uma disciplina que trata da produção do espaço não como algo resultante da mediação do trabalho humano dentro de relações

determinadas, mas como algo produzido apenas por forças naturais, a geografia fatalmente considera o aluno como um ser neutro, sem vida, sem cultura, sem história, sem espaço. (...) Como o próprio espaço não é concebido como algo em que o homem está inserido, o aluno também não pode se ver no espaço geográfico que estuda e, conseqüentemente, é desprezado como ser histórico.

Mostra-se evidente o caráter conservador a que se submete a geografia escolar ao assumir o discurso burguês de progresso abdicando da compreensão do ser humano em suas relações em sociedade e na sua relação com a natureza, como agente da produção do espaço geográfico e negando a história como categoria fundamental para a construção do conhecimento. Percebemos que esta compreensão teórico-metodológica de Geografia e de seu ensino está estritamente ligada a aquilo que se convencionou chamar de Geografia Tradicional pautada na matriz filosófica do positivismo. Dessa forma o ensino de geografia, para romper com seus dilemas necessitava romper também com os pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Tradicional, pois como ressalta Straforini (2008, p.61) “se para os geógrafos positivistas o espaço era visto como um receptáculo, para os educadores tradicionais os alunos também tinham a mesma função.”

Nesse cenário, a geografia buscou-se renovar. No entanto, o movimento de renovação crítica da Geografia não é homogêneo, possuindo segundo Morais (1981,p.126) um verdadeiro “mosaico de orientações metodológicas”, desde formulações que “tinham ética de esquerda, porém instrumentalizada numa epistemologia positivista” até formulações que avançam no sentido de superar o discurso crítico e avançar na elaboração de uma teoria crítica da geografia.

Assim, essa busca pela elaboração de uma teoria crítica da geografia busca ir as suas raízes sociais combatendo a estrutura filosófica positivista de suas análises, através do método dialético de apreensão do movimento da realidade e ancorado na análise histórica para a compreensão da realidade espacial. Nesse sentido Santos (2012, p22), diz que o domínio da Geografia Tradicional

não era o das dinâmicas espaciais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede a apreensão da realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada a sociedade local pode servir como fundamento da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.

Ao compreender o espaço como espaço social, a renovação crítica da geografia traz consigo elementos para uma nova interpretação acerca de seu objeto de estudo. A ideia de espaço geográfico está condicionada a compreensão de que este é um produto social, resultado do trabalho humano sobre a natureza a partir de uma relação dialética que tem como síntese a produção do espaço. “Viver, para o homem, é produzir espaço” (Santos, 2012, p.96-97). Portanto vê-se que busca-se romper com a ideia estática de espaço, e que o ser humano é aquilo que o dinamiza e dá vida, portanto sujeito da sua construção.

A partir desta compreensão, assumida por esta nova proposta de Geografia, passa a ser possível atualizar a geografia escolar numa perspectiva teórica. E dessa forma não é mais possível entender o aluno como um receptáculo assim como a Geografia tradicional compreendia o espaço (Straforini, 2008) visto que agora o ensino de geografia deve romper com seu “apolitismo” e contribuir para forjar sujeitos críticos que possam, através da ciência geográfica, pensar o espaço a partir de uma perspectiva transformadora.

Oliveira (2012, p.140) ao defender que o professor deve deixar de dar os conceitos pronto para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber, defende que além do envolvimento com os alunos este deve sobretudo envolver-se com os conteúdos a serem ensinados e para isso é “fundamental que o professor participe do debate teórico-metodológico que vem sendo travado nas universidades. É através de sua inserção nesse debate que fará a sua opção consciente acerca do caminho crítico que a geografia e a escola devem ter.”. Percebe-se que o movimento de renovação teve seu endereço dentro das universidades, o que trouxe dificuldades de enraizamento da geografia crítica no seio das escolas visto que os professores de ensino básico estavam praticamente alheios as discussões renovadoras como reflexo do afastamento existente entre a Geografia das universidades e a geografia nas escolas, ou de forma geral, o afastamento entre a universidade e a escola.

É de conhecimento público que a Geografia escolar ainda nos dias de hoje, apesar de sua renovação crítica vem deixando a desejar. No momento em que as transformações no mundo contemporâneo, a chamada “globalização”, vem gerando novos desafios aos estudos geográficos pois, o espaço assume hoje em dia uma

importância fundamental (Santos, 2012).

Nesse sentido entendemos que a reflexão desenvolvida por Straforini (2008) aponta que a geografia ao mesmo tempo em que passa por um momento de revalorização conceitual, ainda é uma disciplina marcada pelo desinteresse nas escolas. Um dos elementos que o autor desenvolve, e que queremos destacar, trata-se de uma crítica à própria Geografia Crítica, que passou a fazer parte das propostas curriculares estaduais e dos livros didáticos nos anos 80, com o surgimento de inúmeros movimentos para a renovação do ensino pós-ditadura militar.

Esses movimentos traziam consigo muitos debates com o intuito de descobrir meios para minimizar a compartimentalização dos conteúdos escolares e a distância entre o ensino de Geografia e a realidade social, política e econômica do país, ambos discutidos no âmbito da universidade (Pontuschka, Paganelli, Cacete, 2009). Tais movimentos estavam centrados na melhoria da qualidade do ensino, o que perpassava pela revisão dos conteúdos e das formas de ensinar e aprender as diferentes disciplinas dos currículos da escola básica. No entanto, Straforini (2008) avaliando esse processo diz que

a Geografia Crítica foi apresentada para a maioria dos professores através dos livros didáticos, pulando a mais importante etapa: sua construção intelectual. Da mesma forma que os conteúdos chegavam aos professores de maneira pronta e acabada na Geografia Escolar Tradicional, os conteúdos sob a luz da Geografia Crítica também assumiam o mesmo papel junto aos professores, ou seja, de essencialmente dinâmicos na prática continuavam estáticos. (p. 49-50)

Ocorre como consequência disso a reprodução, pela Geografia Crítica, do conteudismo da Geografia Tradicional (Silva, 2002 apud Straforini, 2008, p.50). Segundo Kaercher (2007, p.11), isso se expressa a partir da compreensão de que

A Geografia se confunde com toponímia, com a topologia. Em outras palavras, o fato da Geografia ter um “objeto” muito ‘concreto’ (o espaço em que vivemos), muito ‘visível’ (os espaços em que vivemos), muito perceptível (todos nós vivemos num espaço), qual seja, a Terra toda e tudo mais que nela está (povos, países, paisagens). Dá-nos a idéia de que, assim sendo, tudo é Geografia. Essa leitura nos deixa como que deitados em “berço esplêndido”, acomodados. Então, o falar de tudo (todos os lugares) nos enche de assuntos, conteúdos, mas à custa de uma reflexão mais fundamentada. A saída mais comum é a prática de sobrecarregar nos conteúdos.

A incorporação pelo professor desta prática educativa leva o Kaercher (2007, p. 02) chamar este profissional de “professor Midas geográfico”, pois ao conceber que tudo é geografia, porque tudo ocorre no espaço e “então, qualquer assunto focado em aula será entendido pelos alunos como ... geográfico”, e assim, tudo que se toca é geográfico. O autor dá como fundamento a este tipo de prática “a pouca atenção à reflexão sobre o ensino, uma baixa densidade na discussão dos fundamentos epistemológicos da geografia.” Nesse sentido Straforini (2008, p.72) afirma que a crise do ensino de Geografia é, enfim “a materialização da não coerência dos pressupostos teóricos metodológicos da própria disciplina geográfica com os da educação uma vez que na prática educativa elas caminham em sentido oposto”.

A necessidade de compreender o presente, a partir do método dialético de apreensão da realidade, permite perceber o movimento desta, e assim desafiando continuamente a reflexão teórico-metodológica da ciência geográfica e da educação, buscar continuamente atualizar nossa interpretação do mundo e poder dar respostas as situações-problema que nos apresentam. Nesse sentido, o professor deve ter uma sólida formação acerca da ciência geográfica e seu ensino para a leitura do mundo e da realidade escolar.

Dessa mesma forma a intervenção do professor nos processos de aprendizagem deve estar presente, também, na formação do professor de Geografia. Assim, a reflexão acerca dos currículos dos cursos de geografia, devem estar pautadas em combater a fragmentação do conhecimento quando da secundarização das discussões pedagógicas na formação do geógrafo, acabando-se por reproduzir a lógica onde uns produzem a teoria, outros ensinam, portanto praticam a teoria, e criando assim a dualidade entre professor e pesquisador. Uma das etapas da formação do professor, que encaramos como de grande importância, é o Estágio Supervisionado que pode dentro de sua estrutura organizacional contribuir para a formação de um professor de Geografia pautado na construção de um conhecimento crítico em parceria com os alunos. É dessa forma que concebemos a discussão que se segue.

O Estágio Supervisionado

Atualmente no Estágio Supervisionado no curso de Geografia da UFSC os acadêmicos devem no primeiro semestre reconhecer a escola, seu entorno, a turma, fazer observação, auxiliar nas atividades da disciplina e planejar a prática de ensino. No

segundo semestre, a dupla deve dedicar-se totalmente a prática, planejando as aulas, praticando-as, fazendo avaliação e fechamento.

Algumas dificuldades foram encontradas nesse processo é a separação das disciplinas específicas da geografia com sua aplicação pedagógica. Ao longo da academia são poucas as disciplinas que são trabalhadas de maneira que abordem sua aplicação na escola. Quanto a isso, concordamos com Ferretti (2012, p. 124) que coloca que “durante sua formação, o licenciado está em constante contato com o conhecimento teórico, poucas vezes os professores na universidade chamam a atenção do aluno para suas próprias práticas e metodologias de ensino e a forma de organizar as aulas.”

Vivenciou-se esses problemas principalmente na prática de ensino, onde os conteúdos escolares tiveram que ser pesquisados e preparados pelos estagiários com outro olhar, diferente do que é passado na academia. Primeiro porque na escola, percebeu-se que o conteúdo precisa muito mais ser relacionado com fatos reais, notícias, para serem ponto de reflexão e entendimento para os alunos. Diferente da universidade onde o cunho teórico é mais presente. E segundo que há de fato alguns temas que não são especificamente abordados no curso de Geografia, mas que estão presentes nos currículos escolares, como por exemplo, a questão Palestina.

A vivência e o contato direto com a educação, proporciona que o acadêmico se depare com o cotidiano escolar. Podendo assim, praticar e refletir acerca do sistema de ensino e do ensino da disciplina, mais especificamente nesse caso, de como é e pode ser o ensino de geografia na escola.

O estágio, portanto, deve ser momento no qual novas metodologias podem ser experimentadas, a partir das ideias as quais trás o estagiário a partir da observação. Dessa maneira se está contribuindo para a renovação da educação e da escola em si. É um momento que pode ser aproveitado, com planejamento em conjunto com os professores da escola, da faculdade e os acadêmicos, para refletirem a realidade escolar, buscando ultrapassar a educação tradicional através de novos métodos e de novas estruturas educacionais, “um processo de trabalho em que aprender a realidade pedagógica e contribuir para sua realização sejam dois momentos de um mesmo movimento dialético” (Oliveira; Pontuschka, 1989, p. 120)

A Prática de Ensino no 2ºA do Colégio de Aplicação CED UFSC

O plano de ensino foi construído a partir de temas colocados pelo Colégio logo no início do semestre. Já os planos de aula foram construídos pelos estagiários ao longo

da prática e entregues com pelo menos três dias de antecedência ao professor orientador e ao professor regente, que por sua vez fizeram suas considerações. Algumas vezes foram necessários encontros com o professor orientador e/ou professor regente para a discussão do andamento das aulas, apoio nos conteúdos e retorno sobre o andamento da prática.

Percebeu-se que em quase todas as aulas o planejamento feito nos planos de aulas não eram efetuados exatamente como imagino. O cotidiano da escola e da turma interfere constantemente no decorrer das aulas. Quanto a isso Scandelai (2011, p. 59) coloca que “devemos seguir uma ordem lógica, uma sequência, mas devemos também ser flexíveis sempre que as respostas ou dificuldades dos alunos nos indicarem necessidade de mudanças. Essa flexibilidade mostra a interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento na ação docente.”

Por vezes os estagiários tiveram dificuldades em expor o conteúdo, acredita-se que por conta de problemas na formação acadêmica, como já fora citado anteriormente quando abordou-se a questão da formação do professor de geografia e o Estágio Supervisionado. Porém, nesse sentido a diversidade de recursos didáticos aplicados auxiliou bastante na exposição dos conteúdos. Principalmente a partir de textos que os próprios estagiários construíram para os alunos a partir de leituras de textos acadêmicos e outros livros sobre os temas estudados. Onde foi possível exercitar a ligação entre o conhecimento científico geográfico e a geografia escolar.

Considerações Finais

Considera-se que a prática deve ser tomada como parte do processo de formação acadêmica, evitando assim algumas frustrações no estágio final e contribuindo para que a academia saia do campo somente das ideias e se envolva de fato com a práxis pedagógica. Para quem sabe assim não apenas fazer com que os formandos “aprendam” a dar aula de sua disciplina específica, mas para que possam ir além, refletindo e propondo novos modelos de educação, com outras metodologias e propostas que contribuam que a educação realmente se transforme e não somente para melhorar o que já está posto.

A Geografia crítica, além de suas discussões epistemológicas, esbarra ainda na estrutura da escola orientada política-ideologicamente segundo os ditames do Estado capitalista, portanto a construção de uma “geografia escolar crítica” se dará, acreditamos, conjuntamente com a construção de um novo projeto de escola que assuma novos princípios e metodologias.

Referências Bibliográficas

1. BRABANT, Jean-Michel. Crise da Geografia, Crise da Escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U.de. **Para onde vai o ensino de geografia?**. 10 ed. São Paulo (SP): Contexto, 2012. p. 24-29
1. COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico**. 2012. 22 p.
2. FERRETTI, Orlando Ednei. A formação do professor de geografia na perspectiva integradora natureza e sociedade: Conteúdo e Estágio. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis, n. 08, p.113-134, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.geograficas.cfh.ufsc.br>>. Acesso em: 18 fev. 2013.
3. Histórico do Colégio de Aplicação <[://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca](http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca)> Acesso em: 22 abril de 2012)
4. LACOSTE, Yves. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19.ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. 239 p.
5. MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica**. 14.ed. Hucitec. São Paulo. 1995. 138 p.
6. OLIVEIRA, Cristian Dennys Monteiro de; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de geografia. In: VESENTINI, José Willian. **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas: Papirus, 1989. p. 117-124.
7. PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 4.ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009. 133 p.
8. SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC Ltda, 1998. 190 p.
9. SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: 6.ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
10. SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012
11. SCANDELAI, Natálie Roncaglia. Planejamento. In: PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Conetexto, 2011. P. 58-64
12. STRAFORINI, Rafael. . **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo (SP): ANNABLUME, 2008. 188p.
13. VESENTINI, José Willian. Geografia Crítica e Ensino. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U.de. **Para onde vai o ensino de geografia?**. 10 ed.São Paulo (SP): Contexto, 2012. p. 30-38